

UM OLHAR ECUMÊNICO: X Encontro Intereclesial Latino-Americano

*Orionita da APD; Professor de Liturgia do Itesp; membro do secretariado para o ecumenismo.

Antonio Bogaz*

Resumo:

O a. comenta o X Intereclesial — Ilhéus — tendo em mente especialmente as dimensões ecumênica e litúrgica. Descreve o procedimento do encontro e sua organização. Apresenta o texto das Bem-aventuranças do ecumenismo onde estão presentes os critérios da convivência religiosa. Realça alguns momentos significativos e trechos das cartas de compromisso. A seguir, o a. apresenta um comunicado de um encontro promovido por um grupo de diversas denominações religiosas em São Paulo — 22.10.2000 — que reflete sobre a dimensão macroecumênica da experiência cristã.

Chaves:

Intereclesial (X), Ecumenismo, História da Igreja, Liturgia.

DEPOIS DE 25 ANOS

O Décimo (X) Encontro Intereclesial das Comunidades de Base celebrou em Ilhéus, na Bahia, os 2000 anos de cristianismo na história humana, bem como os 500 anos de colonização do Brasil, assim também os 25 anos dos Intereclesiais.

Há 25 anos, as Comunidades Eclesiais de Base do Brasil e da América Latina realizam encontros nacionais, onde são muito fortes as reflexões, as reuniões das forças vivas que lutam nas comunidades e, de forma especial, muito ricas a celebrações.

Algumas dimensões são desenvolvidas de forma especial, como as relações sociais e políticas do cristianismo, a descoberta de uma eclesiologia mais participativa, as aproximações culturais e, cada vez mais forte, o *tricôt* do tecido ecumênico.

Deste modo, são muito presentes as igrejas evangélicas, nas suas várias confissões, bem como a participação das comunidades indígenas e afro-descendentes, quer sejam cristãs ou de outras confissões religiosas. Esta co-participação tem sido assumida com muita seriedade e respeitada com grande entusiasmo e isso se revela nas discussões, nos espaços das conferências, na simbologia dos painéis e, de modo muito concreto e visível, nas celebrações.

As celebrações normalmente se realizam em pequenos grupos e nos grandes grupos, como as celebrações de abertura e de conclusão, bem como nas celebrações de cada dia. Neste encontro, fizeram-se presentes muitas comunidades de base, mas se podia sentir também a presença de grupos de luta pela vida, como os grupos de luta pela dignidade da mulher, dos negros, das crianças, dos direitos políticos, da moradia, entre tantos. Destaque especialíssimo foi o despertar profético e inquieto das comunidades indígenas.

Deu-se no mês de julho de 2000, na segunda semana, e celebrou o compromisso com a vida de todos aqueles e aquelas que foram tocados pelo sonho de Deus: a utopia do Reino de Deus. Foi um olhar sobre as experiências religiosas, de tantos credos, de tantas comunidades e grupos de luta pela vida humana e do planeta (acrescente-se o ecumenismo ecológico), buscando reconhecer e valorizar estes espaços.

Buscando uma coerente e crítica relação complementar entre fé e vida, este grande encontro foi um grande espaço para o crescimento da Igreja e seu amadurecimento em terras latino-americanas e tupiniquins, a partir do sopro do Espírito que abriu os portões da Igreja ao mundo contemporâneo, nascido no Concílio Vaticano II e nas Conferências Episcopais Latino-americanas (Medellin, 1968; Puebla, 1979; Santo Domingo, 1982). A Igreja segue seu caminho, como instrumento do Reino de Deus, na edificação de um mundo de justiça social, a democratização da saúde e da educação, o direito às terras e ao trabalho, enfim, a *globalização da solidariedade*, para vencer a *globalização da miséria*.

A dimensão ecumênica foi muito destacada com muito compromisso dentro da mensagem evangélica: *que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós, para que o mundo creia...* (Jo 17,21)

VAMOS NOS BEM-AVENTURAR

Na celebração da manhã do sábado, dia 15 de julho, último dia do encontro, as irmãs pastoras e os pastores das Igrejas cristãs rezaram com símbolos e fatos da vida a realidade de todos os crentes. Após a apresentação, com cantigas e fogos,

representando a luz, leu-se as *Bem-Aventuranças* (Mt 5, 1-10) e seguiu-se as *Bem-Avenuranças do Ecumenismo*.

Apresentamos o texto criado pelas pastoras, como forma de inspiração do ideal ecumênico, que vence as guerras em nome de religiões e promove a busca de paz, a partir da vivência religiosa respeitosa de todos os povos:

Bem-aventuradas as pessoas que amam a sua Igreja e vivem com fraternidade e sororidade comunitária;

Bem-aventuradas as pessoas que sabem confessar publicamente sua fé, sem desvalorizar as demais práticas religiosas, todas revelação grandiosa, mas parcial, do ser divino;

Bem-aventuradas as pessoas que sabem ouvir e querem conhecer os outros, procurando descobrir a sabedoria divina esparsa nas várias confissões religiosas, bem como os preconceitos e limites de suas teorias e práticas;

Bem-aventuradas as pessoas de Igrejas diferentes, que [se] dão as mãos como família de Deus pai-mãe, construtor da história;

Bem-aventuradas as pessoas que trabalham juntas por um mundo melhor, fazendo eco do clamor divino que ama o direito e a justiça;

Bem-aventuradas as pessoas que partilham os dons e os recursos na evangelização, num serviço à vida e à defesa do planeta;

Bem-aventuradas as pessoas que sabem curar feridas e não se agarram à sua fé para se auto-afirmar e negar as Igrejas dos irmãos;

Bem-aventuradas as pessoas que vêm na diversidade uma riqueza, como a beleza do arco-íris;

Bem-aventuradas as pessoas que cultivam as qualidades necessárias para a vivência ecumênica e não fazem de seu rito a exclusividade da liturgia;

Bem-aventuradas as pessoas que vivem a alegria da oração ecumênica, sem viver defendendo que a sua Igreja é a única verdadeira e as outras são seitas;

Bem-aventuradas as pessoas que ensinam as crianças e os jovens na espiritualidade da reconciliação ecumênica, para mudar o futuro;

Bem-aventuradas as pessoas que acreditam no Deus verdadeiro, revelado de formas culturais e históricas diversificadas, revelando a beleza e a infinitude de seu rosto, cuidando da criação com carinho e graça.

FOI ASSIM O ENCONTRO...

Com certeza, a importância do encontro está na força de sua caminhada. O grande encontro é apenas uma expressão

viva e sintética das caminhadas cotidianas das comunidades. Ali se revelam as forças vivas e ativas nas lutas de grupos minoritários, na pluralidade das expressões culturais e na criatividade e engajamento das celebrações litúrgicas.

Neste X Encontro Intereclesial participaram 3.063 pessoas, na maioria mulheres, representando as comunidades, grupos de estudos e movimentos de lutas sociais. É sempre organizado pela Igreja católica, mas aberto a todas as Igrejas, contando com quase cem delegados, com iguais direitos e voz. Estavam presentes para acompanhar os teólogos, assessores, biblistas, pastoralistas, sociólogos e liturgistas. Além dos brasileiros, estavam presentes representantes de todos os países latino-americanos, uma delegação norte-americana e delegações da Europa.

Podemos destacar alguns dados importantes que nos levam a compreender a grande caminhada ecumênica das CEBs:

- São 65 indígenas, de 30 nações indígenas diferentes. Seus gritos de protesto e seus lamentos foram sentidos em todos os recantos.
- Havia 74 bispos, entre eles quatro evangélicos e sete provenientes dos países latino-americanos, de língua espanhola, citando especialmente Dom Salvador Ruiz, bispo de Chiapas, no México.
- Estavam presentes 92% das dioceses do Brasil, num total de 226 dioceses.
- Os participantes estavam divididos em grupos menores, denominados *arraial*, que é uma palavra caipira que significa lugarejo, onde estavam presentes assessores, representantes da liturgia, equipe de animação e canto, coordenadores e todo o povo, por volta de 600 pessoas por arraial, assim denominados: Arraial Xicão Xukuru (índigena mártir); Arraial Dorcelina (política mártir); Arraial Dandara (negra mártir); Arraial Dom Helder (*bispo da Igreja dos pobres*), Arraial Jaime Wright (pastor evangélico mártir), Arraial Eldorado (lugar da matança dos sem-terra). Cada arraial e grupo trazia o nome de um líder do povo, normalmente um mártir do povo das lutas ou o lugar do martírio.

Vale a pena registrar a voz dos indígenas, que assim contou:

Quando eu era menino, morava longe do mar. Nunca tinha visto o mar. Me diziam que no mar habitam monstros que avançam sobre a terra e nos destruíam. Fiquei sempre fascinado com o mar.

Quando o vi pela primeira vez nestes dias, fiquei admirado com a sua grandeza. Fiquei feliz por ver nela a maravilha

do rio, feito cachoeiras que vão e voltam. Mas fiquei triste depois, pois pude compreender que nas ondas do mar, nas suas ondas, vieram os monstros que destruíram as nossas línguas, nossa religião, nossos costumes e nossas nações. Como mesmo diziam, que a água é perigosa pois apaga nossos rastros da terra.

Para nós a terra é nossa mãe. Ferir a terra é ferir nossa mãe. Roubaram a nossa terra e hoje estamos órfãos. Hoje a Igreja nos ajuda a reconquistar nossos direitos.

O clamor dos povos indígenas marcou o encontro e comprometeu a todos os participantes.

O ECUMENISMO NAS CELEBRAÇÕES

As celebrações foram, como sempre, os momentos mais marcantes do encontro. Todas as celebrações foram preparadas com antecedência e harmonizavam mística, festa e culturas diversas.

Alguns acenos darão a síntese dos elementos ecumênicos das celebrações. Houve quatro grandes celebrações, que reuniu todo o povo do X Intereclesial. No primeiro dia, 11 de julho, a celebração de abertura. No segundo dia, a Missa étnica indígena denominada *Missa da terra sem males*; no terceiro dia, houve uma tarde orante e no último dia, quer dizer o quinto, houve a Missa de conclusão e envio. No quarto dia, houve uma apresentação cultural, contando a história dos quinhentos anos do Brasil.

Celebração de Abertura: A celebração foi presidida por dois bispos católicos, uma pastora protestante, uma mãe de santo (sacerdotisa das religiões de origem africana), um pajé (sacerdote na religião dos índios). Foram clamados todos os elementos da natureza (água, fogo, terra e ar) e foram invocados todos os nomes das divindades das várias religiões presentes, especialmente indígenas, cristãs e africanas. Os cantos, as danças e os salmos foram rezados em várias línguas, ao mesmo tempo em que se acendia o fogo e incenso e oferendas eram trazidas para serem partilhadas. Ao final, os ministros do culto abençoaram e partilharam o *biju*, que é uma espécie de pão feito com farinha de mandioca, alimento dos povos indígenas, afros e cablocos. Rezou-se ao final o Pai-Nosso ecumênico e os celebrantes abençoaram a assembléia.

Missa da Terras sem Males: Trata-se de uma Celebração Eucarística inculturada nas etnias das nações indígenas. Presidida pelos indígenas e pelo bispo Dom Pedro Casaldáliga, a celebração é marcada por um grande ato penitencial, onde a assembléia pede perdão por toda a destruição dos povos indí-

genas. Todos os ritmos são tocados tendo como base a musicalidade dos povos nativos do Brasil e os ritos se dão com muitos movimentos e muitas cores. A decoração é repleta de elementos da natureza, sobretudo folhagens verdes e folhas de palmeiras, que são elevadas nas aclamações.

A saudação inicial é macroecumênica: Em nome do Pai de todos os Povos/Maíra, mãe de tudo, excelso Tupã (divindade indígena). Em nome do Filho que nos fez todos irmãos; em nome da morte vencida, em nome da vida, cantamos, Senhor. Os ministros ordenados e todo o povo se uniram para selar o compromisso com Deus, na solidariedade com os irmãos. De forma indireta, os vários ministros de outras Igrejas participaram, procurando viver a comunhão de ideal ou seja a luta pelo Reino de Deus.

Tarde de Oração: Na tarde do terceiro dia, houve uma tarde orante, na qual toda a grande multidão se uniu à beira da praia para prestar louvores a Deus. Ao som das ondas, no entardecer, foram cantados hinos e cantadas as maravilhas de Deus. Sob a leitura e inspiração do relato da multiplicação dos pães e dos peixes, refletiu-se sobre a lição da partilha e questionou-se a falta de terra e de direitos de bens dos pobres. Contemplando Deus a partir da mística dos índios, que reconhecem Deus como espírito presente na criação, particularmente na terra, na fauna e na flora, a assembléia rezou pela saúde do planeta e a sobrevivência das espécies criadas.

Celebração final: Após uma longa caminhada, foi celebrada a Eucaristia, como expressão mais forte da unidade entre Deus e a humanidade e os seres humanos entre si. Revelou-se a importância de assumir o compromisso eucarístico da oferta e da partilha dos bens de Deus, entregue aos seus filhos e filhas. De forma indireta, pastores e ministros de outras religiões entraram em comunhão e partilharam os sonhos e as utopias dos cristãos: um povo em comunhão.

Além destas celebrações, houve sempre celebrações matinais nos pequenos grupos, dando abertura para os temas a serem estudados. Como vimos, foi marcante a celebração dos cristãos evangélicos, que manifestaram uma grande mística e que levou todo o povo a louvar o Deus da vida.

Para concluir, devemos recordar ainda, que havia tendas, como que pequenas capelas, dedicadas aos vários cultos. Neste sentido estavam presentes a capela católica, a capela indígena, a capela dos africanos, a capela dos budistas e a capela ecumênica, entre outras. Assim, todos podiam celebrar seus cultos e viver a sua espiritualidade em clima de fé e silêncio.

Sentia-se que Deus se fazia presente e, em seus vários nomes, irmanava a todos no mesmo ideal.

OS COMPROMISSOS ECUMÊNICOS.

Neste grande encontro do povo de Deus, reunido a partir de várias confissões de fé e unidos no mesmo ideal de luta pela vida, destacamos alguns compromissos para uma ação ecumênica, presentes nas várias cartas escritas, que marcaram o compromisso de todos os participantes, através de seus pastores. Destacamos algumas linhas destas cartas:

Carta dos participantes de Igrejas não católicas romanas:
Em nossa convivência, temos aprendido que Ecumenismo é, antes de tudo, conversão de nosso coração, que se abre para acolher a diferença, aprendendo da generosidade sem limites de Deus. As necessidades de nosso povo não nos perguntam por confissões de fé, mas por soluções de fé.

Carta compromisso dos povos indígenas:
Exigimos respeito e valorização por nossas culturas, tradições, línguas e religião. Precisamos de uma sociedade que respeite a nossa intimidade com o nosso Deus, pois somente desta forma estarão se abrindo ao verdadeiro diálogo inter-religioso e a solidariedade entre nós. Queremos firmar o compromisso da resistência e da luta na construção de um projeto por um Brasil pluri-étnico, pluri-cultural, pluri-religioso, sem exclusões e com cidadania de todos os seus filhos.

Carta compromisso dos bispos católicos:

Queremos lutar pelo reconhecimento da dignidade da mulher na Igreja e na sociedade; consolidar a floração dos novos ministérios, assumidos igualmente por homens e mulheres, adultos e jovens; aprofundar a espiritualidade e a prática ecumênica e de diálogo inter-religioso assim como a expressão inculturada de suas celebrações e das reflexões bíblicas, teológicas e pastorais.

Igualmente, os compromissos assumidos pelos vários grupos de estudo e pelos vários regionais foram muito abertos e solícitos à questão ecumênica, com a meta de articular as relações ecumênicas, celebrando as liturgias a partir dos elementos comuns dos seus credos, superando rupturas históricas e unindo-se nos ideais de transformação social. Manifestando, assim o respeito às culturas e tradições, especialmente, às tradições religiosas que constituem a identidade dos povos.

COMPROMISSOS ECUMÊNICOS PARA A CAMINHADA...

Ficou decretado, com forte convicção, que o ponto de partida do ecumenismo é o diálogo verdadeiro e prático, sem especulações e rodeios, mas com atitudes verdadeiras de celebrar em comum e unidos partir para o serviço, conforme os

ensinamentos do Evangelho, afinal, o que importa é o Reino de Deus e as Igrejas têm o compromisso com a ressurreição do mundo, nascida da ressurreição de Jesus Cristo.

As comunidades eclesiais, em suas diferentes denominações, são instrumentos deste serviço à humanidade. Se por tantas vezes, as religiões se digladiaram, justificadas em suas divindades, hoje, Deus nos convida para o compromisso com a vida. A liturgia unifica a fé e a vida e a fé se revelam na vida concreta e na construção de um mundo melhor.

Testemunhou-se que o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs) e o CLAI (Conselho Latino-americano de Igrejas) têm penetrado nas realidades religiosas e articulado a unidade dos povos, realizando a encarnação viva da Boa-Nova. Esta experiência se fez maior ainda no X Encontro Intereclesial, pois em suas celebrações reconhece-se a veracidade e profundidade de confissões religiosas não cristãs, oriundas de povos afro-ameríndios, que sobrevivem e resistem com coragem à globalização e à destruição de seus valores fundamentais.

Reza a *carta final*, lida nos mini-plenários e por todos aclamada, no final: *Deste modo, a Bíblia, como outros livros sagrados das religiões, contada, cantada encenada e celebrada, tantas vezes ecumenicamente, é instrumento de trabalho e evangelização, na construção de um só povo de irmãos e irmãs sem divisões, que louvam, incessantemente e com alegria, o único Deus de todos os povos, o Deus da Vida, o Deus-Vida.*

Eis o caminho do ecumenismo...

COMUNICADO MACROECUMENISMO: ADORANDO O DEUS DA VIDA.

*Teu sol não se apagará
Tua lua não terá minguate
Porque o Senhor será tua luz
Ó povo, que Deus conduz.*

Antonio Bogaz

Um grupo de fiéis, de várias Igrejas, reúne-se, em nome do Deus da vida, realizando uma reflexão no aprofundamento da espiritualidade ecumênica. Deus, revelado na história humana, como o Deus da vida, que inspira e fortalece todas as lutas e as atitudes cotidianas em favor da vida, particularmente dos povos sofridos, das raças maltratadas, das classes sociais desprezadas, da luta da mulher, dos negros, dos indígenas e outras miscigenações presentes no Brasil e América Latina.

Dentro desta caminhada, o grupo se reuniu (no Colégio Madre Cabrini, dia 22 deste outubro) com Dom Pedro Casaldáliga, para refletir os caminhos do macroecumenismo numa sociedade neoliberal. Um grupo representativo de várias comunidades religiosas, cristãs e de outras denominações, para os quais o movimento de referência é a participação e apoio nos grupos vários que se comprometem com a justiça e o direito, com a igualdade e a felicidade dos povos, enfim, com a instauração do Reino de Amor e Paz na história humana e na harmonia do cosmos.

O Deus da vida têm sido uma força constante e inspiradora dos grupos minoritários, que inspirados na mensagem de vida, advinda da verdadeira vivência da fé nas religiões, procuram construir um mundo melhor.

As palavras de Dom Pedro elucidaram a reflexão:

UMA ESPIRITUALIDADE MACROECUMÊNICA...

O macroecumenismo é uma atitude de amor para com os povos que sofrem, de convivência com as várias denominações religiosas, como manifestação do Deus da vida e de compromisso com a transformação da história humana e cósmica. Mais que uma teoria teológica gerada e inseminada nas academias, trata-se de uma forma de viver e praticar a fé, nas relações inter-religiosas, com respeito e diálogo mútuos.

Para o macroecumenismo, é necessário um verdadeiro aprofundamento da própria identidade de fé e, com nobreza, respeitar a alteridade religiosa, como doutrinas verdadeiras e inspiradas pelo Espírito do Deus da Vida, presente e atuante em toda história dos povos.

Não se trata de irenismo, mas de diálogo aberto e respeitoso, a partir da própria identidade, em nome do *Deus de todos os nomes, o Deus da vida, dos pobres, dos excluídos, dos seres humanos de boa vontade*, assim disse Dom Pedro.

Portanto, o macroecumenismo é militante, revolucionário, navegando no barco da história, em busca do porto da libertação. O próprio cristianismo, originário, é macroecumênico, pois Jesus Cristo é uma proposta universal de acolhido da paternidade, melhor ainda, da maternidade de Deus, gerador e sustentador da vida. Jesus faz-se o canal de encontro com o Deus da Vida, em seus nomes revelados no seio dos povos.

Assim, a atitude cristã é aquela de cultivar o macroecumenismo, como forma de diálogo religioso, mas sobretudo como inspiração divina para assumir as lutas populares em favor dos direitos dos grupos minoritários.

Além disso, urgem gestos de ação macroecumênica, quer dizer, respeitar as práticas religiosas e acenar sempre o sentido da unidade divina, que se revela na unidade de sua criação.

Como dizia-nos Chiara, o macroecumenismo é a busca da vida em nome de Deus, manifestado em celebrações de louvor ao Deus-vida e de comunhão com os povos mutilados.

Somos convidados a crer em Deus presente na história, buscar seu rosto de luz que vence trevas e celebrar sua ação no coração da humanidade.

UM ABRAÇO NA COLÔMBIA.

Animados pelo Comité em Defesa dos Direitos dos povos latino-americanos e animados pelo desmascaramento do Plano Colômbia, sinal de dominação neoliberal norte-americana, realizamos um gesto de apoio e solidariedade com a sofrida gente colombiana, representada por Marta Cecillo. Ao final, marcados por traços verde-amarelos, marcas do Brasil e amarelo-azul-vermelho, marcas da Colômbia, o grupo manifestou sua solidariedade para com os povos da Colômbia, massacrados pelos poderes externos e pela manipulação das populações civis.

O Deus da vida permanece e anima os nossos corações.